

FORMAÇÃO DOCENTE: A importância do ensino da variedade linguística à luz do regionalismo paraense

MENDONÇA, Gabriel ¹

GAMA, Leonor ²

SOUZA, Déborah ³

SILVA, Leila ⁴

RESUMO: A diversidade linguística na educação básica está pautada em práticas pedagógicas as quais são importantes proporcionar aos alunos, no intuito de trabalhar habilidades e percepções linguística no contexto social do discente. Este trabalho teve como objetivo explicar a variação linguística regional, a partir da leitura de mundo dos alunos em sala de aula, bem como incentivar o uso diversificado da língua e desconstruir estereótipos da linguagem social usada por alunos da escola pública. Logo, o percurso metodológico utilizado versou por uma pesquisa de cunho qualitativo, no formato de oficina. Esta pesquisa fundamentou-se nas contribuições de Bagno (2001), na perspectiva da variação linguística do português brasileiro; em Geraldi (2003), na linha produção textual e escrita em sala de aula e na BNCC (2018), nas habilidades e competências da utilização da diferentes linguagens para desmitificar todos e quaisquer preconceitos no âmbito educacional. Nesse sentido, a pesquisa realizada produziu resultados significativos no que diz respeito à exploração dos alunos com a temática, pois se percebeu que os discentes estão imersos nessa pluralidade da língua, a partir dos diálogos e discussões feitos em sala, assim como a visualização do fenômeno linguístico no seu contexto, ou seja, a maneira como eles dialogam e se aproximam de textos com signos linguísticos diversificados, sobretudo no contexto digital, o qual faz parte do cotidiano social de jovens do ensino médio. Assim, espera-se que este trabalho contribua com a formação docente, diante das práticas pedagógicas feitas em *locus*, e incentive ações realizadas no âmbito educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Prática Pedagógica; Diversidade linguística.

1 INTRODUÇÃO

A educação básica está pautada em diversas habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) tal como a (EM13LGG402) que visa: empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do

¹ Graduando em Licenciatura em Letras Português, Bolsista do Programa Residência Pedagógica, UFRA, *Campus* Belém, e-mail: Gabriel.mendonca@discente.ufra.edu.br;

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português, Bolsista do Programa Residência Pedagógica, UFRA, *Campus* Belém, e-mail: leonorvale22@gmail.com;

³ Professora da Rede Estadual de Ensino (SEDUC), Preceptora no Programa Residência Pedagógica, UFRA, *Campus* Belém, e-mail: deborah.souza@escola.seduc.pa.gov.br;

⁴ Mestra, Coordenadora do núcleo de Letras Português, no Programa Residência Pedagógica, UFRA, *Campus* Belém, e-mail: leila.cchaves@outlook.com.

discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico. Diante disso, ressalta-se o quão importante é promover em sala de aula com os alunos da educação básica, debates e discussões sobre a variação linguística, sobretudo regional, para que seja compreendida a diversidade da língua portuguesa no Brasil. Essa assertiva, demonstra o quanto a fala pode ser apreciada em diferentes contextos, seja social ou educativo.

Nesse sentido, ao tratar sobre o tema de variação da língua portuguesa, no ambiente escolar, percebe-se que há uma centralização massiva nas regiões sul e sudeste, por serem grande polos econômicos e culturais. Isso reflete diretamente nas concepções do ensino de base dos alunos, pois “a variação linguística está intrinsecamente ligada às relações de “poder e força” entre os grupos sociais, conforme sua posição nas diferentes camadas sociais e a linguagem que utilizam.” (Carvalho, 2014, p. 55).

Indubitavelmente, a visão defendida por Carvalho (2014), reforça a necessidade de descentralizar, sobretudo a forte influência da diversidade linguística das regiões sul e sudeste, presentes até nos materiais didáticos usados pelos alunos da região norte, por exemplo. Pois, esse é um fator que marginaliza outras vertentes linguísticas no viés da educação em sala de aula.

Sob essa percepção, a língua, com suas marcas dialetais, revela a ideologia de uma comunidade de fala, cujos membros, compartilham traços dialetais que a diferenciam de outra, conforme Labov (1972). Diante disso, justifica-se a necessidade de abordar a variação linguística, uma vez que o regionalismo, neste caso o paraense, precisa ser abordado de maneira didático-pedagógico, para ratificar a valorização dessa diversidade na educação.

Dessa forma, o Programa Residência Pedagógica, especificamente o núcleo de Língua Portuguesa, da Universidade Federal Rural da Amazônia, trouxe como linha de pesquisa, justamente essas inquietudes. Pois, o entendimento da variação linguística pode e deve ser trabalhado nas aulas de português, de modo a ponderar o conhecimento social dos alunos diante dessa temática. Por isso, a realização da pesquisa ocorre diretamente na escola pública, com alunos do terceiro ano do ensino médio, no intuito de promover propostas pedagógicas na vertente da diversidade da língua, nas escolas paraenses.

Assim, este estudo teve como objetivo explanar a variação linguística regional, a partir da leitura de mundo dos alunos em sala de aula, bem como incentivar o uso

diversificado da língua e desconstruir estereótipos da linguagem social usada por alunos da escola pública. Na expectativa de gerar também a valorização da cultura identitária da região norte, pois os temas precisam articular e dialogar entre si com as vivências e realidades locais, proporcionando êxito no processo formativo do aluno.

Este é um estudo com abordagem metodológica qualitativa, estrutura em uma oficina aplicada aos alunos de terceiro ano do ensino médio da Escola Consuelo Coelho e Souza. A instituição está localizada no município de Ananindeua, região metropolitana de Belém, a pesquisa gerou resultados significativos no que se objetivou nesta pesquisa, ratificando o teor teórico-prático exercido em sala de aula com os discentes.

Além disso, este estudo fundamenta-se nas contribuições de Bagno (2001), na perspectiva da variação linguística do português brasileiro; Geraldi (1997), na linha produção textual e escrita em sala de aula e na BNCC (2018), nas habilidades e competências da utilização da diferentes linguagens para desmitificar todos e quaisquer preconceitos no âmbito educacional.

Portanto, entende-se que a variação linguística, em uma perspectiva educacional, precisa ser percebida para além de uma abordagem ideológica de poder e valores, como defendida por Carvalho, mas como uma questão de identidade social. Por isso, dialogar com os alunos sobre suas percepções, sejam linguísticas e/ou sociais, é proporcionar a esse sujeito bases fundamentais para seu processo formativo quanto cidadão. Compete ao docente, neste caso, ousar pelo diferente em sala e trazer o aluno para refletir sobre a sua língua usual, sobretudo o regionalismo presente no seu cotidiano.

2 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa exploratória, porquanto “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno.” (Caleffe, 2006, p. 69), estruturada em uma oficina para alunos do terceiro ano do ensino médio, da Escola Consuelo. O intuito é analisar os resultados obtidos diante da percepção que se tem sobre variação linguística com vista as contribuições de Conceição; Pereira (2018). Nesse prisma, utilizou-se



materiais didáticos, produzidos sob orientação da preceptora do programa Residência Pedagógica, para tratar com os discentes sobre o tema proposto.

Inicialmente, a oficina foi dividida em quatro momentos, por tratar de uma oficina, entende-se a necessidade versar pela teoria e prática dos conteúdos ministrados. Dessa forma, a primeira etapa constituiu-se em um diálogo com a turma sobre a variação linguística, a partir do seu entendimento, para que pudessem explanar o assunto, mas compreender sua contribuição e ponderá-la. Com base no que externaram, fizeram um registro de uma palavra, em uma folha de papel, para ao final realizar uma produção e socializar com os colegas.

Para a segunda parte das atividades propostas, os alunos responderam uma atividade com um questionamento simples, sobre a variação, além de terem visto um conceito muito presente nos livros didáticos. Trata-se de um conceito estruturado nas percepções tradicionais do fenômeno, ou seja, o que por vez já entendem muito bem o que se trata. Neste material, encontrava-se ao final uma pergunta o qual direcionava os alunos a responder qual variação linguística estava sendo usada, se: geográfica; social; histórica ou gênero, o intuito era fazer uma provocação.

Após analisarem o material, a alternativa confirmava a teoria da variação geográfica, por variar apenas a forma de pronúncia de uma fruta, no entanto com essa assertiva, ampliou-se as discussões para estimular o pensamento; será que somente isso pode ser considerado uma variação? Houve um momento de reflexão e análise dos alunos, logo depois, pontuou-se que há formas que estão para além do que aborda os conceitos básicos de variação. Isso solidificou o que se desenvolveu.

O terceiro momento da oficina, configurou-se no conceito do que se entende por variação linguística segundo as contribuições de (Bago, 2001), que externa que a variação linguística está relacionada a habilidade que as pessoas têm em se comunicar, parâmetro que fundamentou esta pesquisa. Dessa forma, buscou-se justamente respaldar um conceito que valorize a fala, porquanto “quando se trata de língua, só se pode qualificar de *erro* aquilo que comprometa a *comunicação entre os interlocutores*.” (Bago, 2001, p 26). Sob tal afirmação, vê a pertinência da temática, pois se trata de comunicação entre o meio.

Nesse sentido, ao propor o conceito abordado por Bago, pôde ser percebido que os alunos imergem ainda mais no assunto, pois ganham suporte para permear pela diversidade de fala e comunicação entre os colegas. Ademais, é interessante considerar que ao reforçar a ideia de que falar diferente não é errado, e se houver a

comunicação, encontra-se o fenômeno da variação linguística, que a língua portuguesa trabalha. Mas para além disso, essa abordagem aproxima o aluno e o acolhe de maneira e deixá-lo confortável.

Por último, o percurso metodológico desenvolvido primou por resgatar a palavra que os alunos destacaram com base no que se entendia por esse conceito, feito no primeiro momento da atividade, para que coletivamente fizessem um texto com os respectivos termos escolhidos. Logo após, eles incluíram essa palavra e repassava ao colega para complementar e ao final socializar o resultado, o qual foi interessante analisar, porquanto cada um aplicou de uma forma, causando um efeito humorístico, mas realístico.

Esse socialização realizada pelos alunos, contempla a concepção de linguagem abordada por Geraldi, pois “o sujeito que fala prática ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.” (Geraldi, 1997, p. 39). Ou seja, entende-se que a linguagem é uma forma de interação, a partir do diálogo feito em sala, houve um registro desse momento.

Ao solicitar essa produção, inicialmente simples, mas com resultados significativos, pôde se observar o que primordialmente pontuou-se nas contribuições de Geraldi (1997), a concepção da linguagem imersiva ao contexto do alunado. Esse registro, demarca também a necessidade de trabalhar a escrita em sala por ser “uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente um “novo conteúdo” de ensino.”, (Geraldi, 1997, p. 42).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada com alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Consuelo, sobre variação linguística, em uma perspectiva regional, demonstrou o quão pertinente são ações que propiciem uma imersão a partir do seu contexto social. Com base nisso, “Geraldi (2010) situa a educação como lugar de constituição do sujeito, por ser espaço de mediações, que permite a interação: “a leitura do mundo e a leitura da palavra são processos concomitantes na constituição dos sujeitos”, (Chaibe; Ferreira, 2018, p. 368 apud Geraldi, 2010 p. 32).

Dessa forma, obteve-se como resultado, um dado qualitativo, mediante a explanação das atividades metodológicas aplicadas, os alunos perceberam que a linguagem utilizada no seu cotidiano, faz parte dos estudos sobre variação linguística. As inquietudes de romper o tradicional ensino sobre a temática possibilitou uma interação maior André (1995), o que justamente objetivou essa pesquisa, explanar as vertentes a partir das vivências sociais desse alunado.

Após o primeiro momento do diálogo com os alunos, eles externaram suas respectivas percepções sobre variação linguística, pontuando em uma palavra ou termo, o que estaria relacionado ao tema. Felizmente, esse primeiro resultado demonstrou que há um entendimento maior sobre a variação linguística regional, sobretudo termos utilizados nas regiões periféricas. Observou-se que apenas um dos alunos utilizou a palavra “sacolé”, termo comum na região sudeste do país, na região norte o termo equivale a “chopp”.

Nesse viés, Carvalho (2014), afirma que intrinsecamente há uma noção de que o que vem de fora é melhor, é o correto ou mais bonito, mas isso também demonstra a necessidade de ampliar as discussões em sala de aula sobre a variação linguística. Por isso, as ações nortearam esses alunos que têm entendimento, mas precisa compreender a identidade regional a qual pertence, Carvalho (2014).

No terceiro momento, após o conceito embasado pela teoria da variação linguística de (Bagno, 2001), obteve-se uma maior interação e partilhas sociais dos alunos, o que rendeu um diálogo muito proveitoso, porquanto eles tiveram maior participação e imersão ao que estava sendo ensinado. Nisso, os alunos compartilharam que usam os termos regionais constantemente, além de ter como referência as formas usadas por muitos influenciadores digitais paraenses. Nesse ponto, todos sentiram-se à vontade para falar, tratava-se de uma linguagem usada no seu cotidiano, o que é válido para uma aula de língua portuguesa.

Conforme solicitado, o último momento foi reservado para a escrita coletiva, além de exigir do aluno interação social com os colegas, eles precisavam escrever um texto que seguisse uma ordem lógica e mais coerente possível, a partir das palavras que eles escolheram. Diante da dinâmica proposta, este foi o resultado:

Imagem 01: Texto produzido pelos alunos.

VAMOS SE SAIR , Equo B'rocho, Bora ali tomar um saço-
si, Tô ligado, bora, Bora lá no site, ta nessa é
Bora beber um chopp, no caminho compra
Maoxeris Frita, etimo mas depois bora alhi com
os crias, na Humilde, MANO FA TA DE TOCA, ei tu ta é vacilam
de. KKKK Vocês são muito Comédia. Ei mas quando ta
ulho a liga desse bicho, bora no Rock deido ali,
bora lá embacibe, pian, vamos sim. Mas vamos nos divertir
que horas? Sei lá, lá partiu

CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Arquivo Pessoal.

Inicialmente, o texto já começa com um registro de um termo muito comum usado pelos alunos no próprio ambiente escolar, quando se aproxima o horário de saída os alunos sinalizam entre si, “*vamos se sair*”. Isso, embora no entendimento deles pareça algo simples, está em conformidade do que afirma Bagno, “se uma pessoa disser *os menino tudo veio*, ninguém, por mais preconceituosos e tradicionalista que seja, vai poder alegar que ‘não entendeu’ o que aquela pessoa quis dizer.” (Bagno, 2001, p. 26).

Dessa forma, explicitamente, compreende-se o quão pertinente é explorar a fala dos alunos, a partir dessa leitura social, Bagno ainda ratifica que

Uma análise linguística rigorosa vai demonstrar com toda clareza e com argumentos mais que convincentes que a construção *os menino tudo veio* tem regras gramaticais próprias, segue uma sintaxe que difere daquela (única) que está registrada nas gramáticas normativas. Além disso, em outras línguas, construções desse tipo são consideradas perfeitamente “certas” e “bonitas”, o que prova que elas não são uma invenção de brasileiro “ignorante”, (Bagno, 2001, p. 26).

Inquestionavelmente, essa afirmativa delibera as ações realizadas nesta pesquisa, que buscou trazer essa reflexão aos alunos, para desconstruir os preconceitos além de valorizar a língua materna desses discentes, e por meio do registro que se obteve, percebe-se, o quão isso proporciona protagonismo educacional para eles. Nesse sentido, todas as palavras utilizadas pelos participantes, podem ser analisadas em diferentes e inúmeras perspectivas socioeducativas e vertentes sociointeracionista, como discute Mendonça (2002).

Logo, é perceptível que a escrita representa, coletivamente, uma identidade cultural e social segundo Carvalho (2014), o mais válido foi visualizar que essa proposta de trabalhar com Variação Linguística contribuiu para amplas discussões. Pois, o formato adotado com os alunos para tratar a temática permitiu uma visão mais ampla a partir das vivências sociais dos alunos. No processo formativo do aluno, tais mediações foram ímpares na trilha da aprendizagem significativa, sobretudo em uma abordagem de diversidade linguística regional, que visa o protagonismo do aluno da escola pública, porquanto o protagonismo consiste em trazer suas vivências para socializar em sala e a partir dela dialogar e estudar o fenômeno.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, este trabalho que buscou, diligentemente, abordar as formas de discutir sobre a variação linguística, em uma perspectiva regional paraense, teve suas contribuições significativas no processo formativo dos alunos. Nesse sentido, pode-se pontuar que o cuidado de buscar compreender a realidade dos alunos é um fator importante para prática docente, pois é por meio desse percurso sistematizado que as propostas didático-pedagógica surgem.

Nesse viés, sabe-se que as escolas seguem, respeitosamente, as diretrizes que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) direciona os estudantes no desenvolvimento de habilidades e competências linguísticas. Por isso rever formas de ensinar também é um exercício passível de conhecimento profissional. Com isso, a proposta do Programa Residência Pedagógica que visou realizar ações para valorizar o uso da variação linguística regional contemplou essa inquietude, uma vez que dispõe desse diálogo entre professores em formação e a educação básica brasileira.

Não obstante, é um desafios romper o tradicional, pois não se trata apenas de ir contra uma imposição, mas sim contra uma cultura que historicamente imerge a sociedade contemporânea (Carvalho, 2014, p. 57), desprovendo-a da sua identidade cultural, e oportunizando apenas uma das vertentes sociais. Isso, delimita-se na necessidade de descentralizar o que se detém nos polos, política e economicamente favorecidos, o que embora não pareça, mas intrinsecamente está presente no hodierno.

Logo, esse estudo buscou comprovar que a educação pode e deve ser explorada nas mais diferentes percepções, sociais, dialetais e/ou culturais, seguindo



o que é defendido por Bagno (2001). Por isso, ousar é essencial, dá voz ao aluno, centralizar seu protagonismo educacional e conduzi-lo a partir das suas experiências individuais é o que fundamentou essa pesquisa. Assim, trata-se de um potencializador, um estímulo que surge com a realidade de cada alunos em sala de aula.

Indubitavelmente, os resultados obtidos nesse trabalhos, estão em conformidade com as diretrizes da BNCC, mas, para além das questões político-pedagógico, estão alunos em consonância com a sua realidade, utilizando o seu repertório para entender que fazem parte do processo. A variedade de fala não aguça somente o objeto de conhecimento, mas provoca o aluno a questionar, a refletir, a analisar e a compreender o que é educação; promove o protagonismo, mesmo sem ser percebido, mas o capacita para desconstruir todos e quaisquer empecilhos, na carreira educacional.

Por isso, rever as ações, planejar estratégias de ensino, seja em aulas e/ou oficinas é uma prática que fomenta o profissionalismo do educador, e sobretudo oportuniza jovens a desenvolver habilidades e percepções das quais em muitos casos desconhecem de si mesmo. O ousado, gera resultados, que na sala de aula o conhecimento esteja entrelaçado entre professor-aluno, pois inquestionavelmente, muito se tem a aprender e a ensinar quando se promove uma educação entre diálogos e interações (Geraldí, 1998).

Assim, espera-se que este estudo seja a base de muitos outros que perpassam por essa realidade, da educação básica, dos alunos da periferia, dos quais por vezes são o público que se encontram nas instituições de todo o país. Somente o estudo tem a autonomia de fazer de jovens periféricos, grandes protagonistas da educação.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi financiado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) por meio do Programa Residência Pedagógica, em especial ao núcleo de Língua Portuguesa, que permitiu essa vivência docente única nessa formação. Às professoras Leila Cristina Silva da Silva e Déborah Ingrid Pereira de Souza, por incentivar e apoiar durante todo o processo de construção deste trabalho e a Universidade Federal Rural da Amazônia,

em especial o curso de Licenciatura em Letras Português por me formar nesse molde de grande profissional da educação, meus agradecimentos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. CALEFFE, Luiz Gonzaga; MOREIRA, Herivelto. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. **ILJ**, v. 17, p. 1, 2006.

CARVALHO, Solange. Convergência e divergência na acomodação dialetal: uma questão de identidade. **Sociolinguística, Dialectologia e Geografia Linguística**, p. 49, 2014.

CONCEIÇÃO, Roberta Bohrer da; PEREIRA, Telma Cristina. Avaliação de Políticas que orientam O Ensino Da Variação Linguística: Os Pcn E A Bncc. **Web Revista Sociodialeto**, [S. l.], v. 8, n. 23 SER. 3, p. 65–79, 2018.

CHAIBE, Maria Eduarda dos Santos; FERREIRA, Ediene Pena. A variação linguística na educação contemporânea: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Exitus**, v. 8, n. 2, p. 358-385, 2018.

DE ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. O papel da pesquisa na articulação entre saber e prática docente. **Psicologia da Educação**, n. 1, 1995.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: _____. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997. p. 39-46.

MENDONÇA, Márcia. A “moda” dos gêneros: inserção no sociointeracionismo e no socioconstrutivismo. **Alfabetização e letramento**, p. 37. 2002.